

## **A superação da colonialidade peruana: Mariátegui e o “papel” do indígena na nação**

Bruno Batista Bolfarini – mestrando UFES  
PPGH da Universidade Federal do Espírito Santo  
brunobolfa@gmail.com

A questão indígena é um tema que permeou vários discursos dos intelectuais latino-americanos nas primeiras décadas do século XX, principalmente no México e no Peru. Ao contrário do indigenismo mexicano, que encontrou, de certo modo, amparo estatal durante os governos revolucionários, quando se pensou na entrada do indígena na nação mexicana através de projetos indigenistas assimilacionista e integracionista (os quais, dentro dos pressupostos do culturalismo antropológico, procuraram estudar as comunidades indígenas para assim encontrar os caminhos que possibilitassem levar a cultura ocidental aos índios, para que eles pudessem ser integrados/assimilados pela nação mexicana) que tiveram Manuel Gammio e Alfonso Caso entre seus principais representantes, no Peru podemos identificar, nesse período, um discurso indigenista mais radical que procurou denunciar a exploração que os índios sofriam através de um sistema de servidão o qual se mantinha desde o período colonial, e também resgatou a memória histórica indígena para que ela fosse pensada dentro da nacionalidade peruana.

Nas décadas de 1910 e 1920, ocorreram diversas revoltas indígenas, principalmente no sul peruano, que tiveram por motivação a exploração que os índios andinos sofriam dos *gamonales*<sup>1</sup>. Em meio a esse contexto de levantes indígenas, um grupo de intelectuais cuzquenhos passaram a denunciar e a apoiar os indígenas contra essas exações. Esse grupo, que ficou conhecido como a Escola de Cuzco<sup>2</sup>, ajudou a projetar esse indigenismo mais radical no cenário intelectual peruano que até então estava permeado pelos ideais hispanistas *criollos*.

O ideário indigenista da Escola de Cuzco influenciará a concepção de socialismo do pensador peruano José Carlos Mariátegui<sup>3</sup>, contribuindo para a formulação sobre a natureza da identidade nacional peruana. Em seu projeto de revolução socialista, Mariátegui pensou no indígena como protagonista. Esse protagonismo se deu através do resgate da tradição indígena que seria reinterpretada pelo socialismo, o qual teria por missão extirpar a colonialidade da sociedade peruana.

Nosso intento nesse trabalho é mostrar como Mariátegui resgata essa tradição indígena e a coloca em um discurso de vanguarda, no qual o socialismo se une à tradição indígena como projeto revolucionário. Com seu projeto de socialismo indo-americano, Mariátegui vai contra a ortodoxia marxista e traz o socialismo para perto da realidade peruana. Nesse sentido, para o pensador peruano, o socialismo no Peru deveria ser indígena.

Além do contato com os intelectuais da Escola de Cuzco, contribuiu para a obra de Mariátegui o indianismo<sup>4</sup> do escritor peruano Manuel Gonzáles Prada (1844-1918), que colocou o indígena como o retrato da nação peruana. Em meio ao contexto de reconstrução peruana logo após a fragorosa derrota na Guerra do Pacífico (1879-1884), escrevia Prada:

No forman el verdadero Perú (...) las agrupaciones de criollos y extranjeros que habitan la faja de tierra situada entre el Pacífico y los Andes; la nación está formada por las muchedumbres de índios diseminadas en la banda oriental de la cordillera.<sup>5</sup>

Em 1924, após uma espécie de exílio na Europa, Mariátegui retorna ao Peru e, em meio aos protestos contra a ditadura de Augusto Leguía, entrou em contato com os indigenistas cuzqueños que se colocavam como oposição à política indigenista populista do presidente Leguía<sup>6</sup>. Influenciado por esse contato, Mariátegui começou a pensar no papel do indígena na nação peruana e a escrever diversos artigos que procuraram fazer o diagnóstico da realidade peruana através do viés marxista.

Em um artigo de 1924, publicado na revista *Mundial*, José Carlos Mariátegui, a respeito da nação peruana, escreveu que:

El Perú es todavía una nacionalidad en formación. Lo están construyendo sobre los inertes estratos indígenas, los aluviones de la civilización occidental. La conquista española aniquiló la cultura incaica. Destruyó el Perú autóctono. Frustró la única peruanidad que ha existido. Los españoles extirparon del suelo y de la raza todos los elementos vivos de la cultura indígena. Reemplazaron la religión incásica con la religión católica romana. De la cultura incásica no dejaron sino vestigios muertos. Los descendientes los conquistadores y colonizadores constituyeron el cimiento del Perú actual. La independencia fue realizada por esta población criolla.<sup>7</sup>

Assim, como Gonzáles Prada, Mariátegui coloca que o Peru ainda não é uma nação, pois até então não se pensou o elemento indígena. Pelo contrário, buscou-se extirpar o indígena da história peruana, que teria sido, para ele, escrita pelos e para os *criollos*.

Foi na sua obra *Siete Ensayos de Interpretación de la Realidad Peruana* (1928) que Mariátegui aprofundou as questões histórico-sociais peruanas, principalmente a questão do problema do índio no Peru. Nessa obra, reuniu sua reivindicação da história indígena com o socialismo para realizar sua análise da realidade peruana. Uma ideia que permeia esse diagnóstico é a dicotomia entre a Costa e Serra Andina e entre Brancos e Índios, como podemos ver na seguinte passagem:

A dualidade da história e da alma peruanas, em nossa época, se expressa como um conflito entre a forma histórica que se elabora na costa e o sentimento indígena que sobrevive na serra. [...]. O Peru atual é uma formação costeira. [...]. Nos Andes, o espanhol nunca foi mais que um *pionner* ou um missionário. O *criollo* também o é.

No Peru, o problema da unidade é muito mais profundo, porque aqui não é o caso de resolver uma pluralidade de tradições locais ou regionais e sim uma dualidade de raça, de língua e de sentimento, nascida da invasão e da conquista do Peru autóctone por uma raça estrangeira que não conseguiu se fundir com a raça indígena, [...].<sup>8</sup>

Para Mariátegui, essa dicotomia foi acentuada pelo processo de formação econômica nacional do Peru, principalmente durante a República. Segundo ele, a sociedade peruana vivia sob dois regimes diferentes de organização econômica: um capitalismo incipiente no litoral e um regime de servidão que se mantinha na Serra desde tempos coloniais. Então, a sociedade peruana do século XIX e início do XX é uma sociedade dividida entre *criollos*<sup>9</sup> e índios, capitalismo e “feudalismo”, Litoral e Serra. Estaria aí, para José Carlos Mariátegui, o motivo de não ter se constituído uma nação de fato no território peruano.

Pudemos verificar que esse discurso dicotômico realmente se acentuou durante a República. Para a elite limenha, principalmente a partir de 1850, quando houve o chamado “boom do guano”<sup>10</sup>, em contraste com o Litoral *criollo* modernizante, o interior montanhoso era uma terra de aldeias indígenas inertes, de *hacendados* agindo como senhores feudais e de chefes militares indisciplinados, que ficava cada vez mais para trás da locomotiva econômica costeira. Aliás, segundo a historiadora Florencia Mallon<sup>11</sup>, essa dicotomia veio desde o momento em que os colonizadores espanhóis resolveram se instalar em Lima, fundando a capital do Vice-Reino do Peru que ficaria afastada da antiga capital inca, Cuzco

Acreditamos que essa dicotomia é o exemplo claro do que o historiador alemão Reinhardt Koselleck chama de espaço de experiência, que é definido como um espaço onde a “a experiência proveniente do passado [...] se aglomera para formar um todo

em que muitos estratos de tempos anteriores estão simultaneamente presentes, sem que haja referência a um antes e um depois.”<sup>12</sup>, pois essa permanência desse discurso dicotômico mostra como a colonialidade se manteve como experiência, isto é, como passado que permaneceu como presente na sociedade peruana.

À essa permanência da colonialidade, Mariátegui irá se referir como feudalidade. Segundo ele, a conquista espanhola trouxe o feudalismo<sup>13</sup> para o Peru substituindo o comunitarismo indígena. Este feudalismo permanecerá durante a República. Nesse sentido, “enquanto a conquista engendra totalmente o processo da formação da nossa economia colonial, a independência aparece determinada e dominada por esse processo.”<sup>14</sup>

Para Mariátegui, a República não teria cumprido sua missão histórica de extirpar a colonialidade da sociedade peruana e assim elevar a condição do índio e tirá-lo da servidão pelo fato de formalmente ser um regime peruano, fruto da independência. Mas a república, pelo contrário, acentuou essa colonialidade, piorando ainda mais a situação do índio.

Mientras el Virreinato era un régimen medioeval y extranjero, la República es formalmente un régimen peruano y liberal. Tiene, por consiguiente, la República deberes que no tenía el Virreinato. A la República le tocaba elevar la condición del indio. Y contrariando este deber, la República ha pauperizado al indio, ha agravado su depresión y ha exasperado su miseria. La República ha significado para los indios la ascensión de una nueva clase dominante que se ha apropiado sistemáticamente de sus tierras. En una raza de costumbre y de alma agrarias, como la raza indígena, este despojo ha constituido una causa de disolución material y moral. [...] La feudalidad criolla se ha comportado, a este respecto, más ávida y más duramente que la feudalidad española. En general, en el encomendero español había frecuentemente algunos hábitos nobles de señorío. El encomendero criollo tiene todos los defectos del plebeyo y ninguna de las virtudes del hidalgo. La servidumbre del indio, en suma, no ha disminuido bajo la República. Todas las revueltas, todas las tempestades del indio, han sido ahogadas en sangre. A las reivindicaciones desesperadas del indio les ha sido dada siempre una respuesta marcial. El silencio de la puna ha guardado luego el trágico secreto de estas respuestas. La República ha restaurado, en fin, bajo el título de conscripción vial, el régimen de las mitas.<sup>15</sup>

José Carlos Mariátegui, diferentemente daqueles que pensavam que o problema do indígena era um problema moral e civilizatório, isto é, que poderia ser resolvido pela educação ou através de uma postura tutelar que protegesse o indígena da exploração e servidão que sofria, defendia que o problema indígena era uma questão econômica e social com base na economia agrária peruana.

La cuestión indígena arranca de nuestra economía. Tiene sus raíces en el régimen de propiedad de la tierra. Cualquier intento de resolverla con medidas de administración o policía, con métodos de enseñanza o con obras de vialidad, constituye un trabajo superficial o adjetivo, mientras subsista la feudalidad de los "gamonales".<sup>16</sup>

Nesse sentido, o socialismo teria um papel fundamental na resolução do problema indígena e do regime de propriedade de terra no Peru, pois, para Mariátegui,

El socialismo nos ha enseñado a plantear el problema indígena en nuevos términos. Hemos dejado de considerarlo abstractamente como problema étnico o moral para reconocerlo concretamente como problema social, económico y político. Y entonces, lo hemos sentido, por primera vez, esclarecido y demarcado.<sup>17</sup>

A partir de seu entendimento de que o socialismo poderia resolver o problema indígena, podemos perceber como se planteia o inovador na sua concepção marxista influenciada pelo pensamento de Georges Sorel.<sup>18</sup>

No es la civilización, no es el alfabeto del blanco, lo que levanta el alma del indio. Es el mito, es la idea de la revolución socialista. La esperanza indígena es absolutamente revolucionaria.<sup>19</sup>

Portanto, para José Carlos Mariátegui, somente o socialismo poderia extirpar a colonialidade da sociedade peruana. Isso podemos perceber em todo *Siete Ensayos*, pois Mariátegui vai construindo uma lógica histórica, fazendo uso do passado colonial e indígena, para demonstrar como os outros regimes econômicos – as etapas e os modos de produção utilizados pelo materialismo histórico – desenvolveram-se no Peru para mostrar que não tinha como se realizar lá a etapa burguesa para a consolidação da revolução socialista, como era preconizado pelo marxismo ortodoxo.

Esa liquidación del gamonalismo, o de la feudalidad, podía haber sido realizada por la república dentro de los principios liberales y capitalistas. Pero por las razones que llevo ya señaladas en otros estudios, estos principios no han dirigido efectiva y plenamente nuestro proceso histórico. Saboteados por la propia clase encargada de aplicarlos, durante más de un siglo han sido impotentes para redimir al indio de una servidumbre que constituía un hecho absolutamente solidario con el de la feudalidad. No es el caso de esperar que hoy, que estos principios están en crisis en el mundo, adquieran repentinamente en el Perú una insólita vitalidad creadora. El pensamiento revolucionario, y aún el reformista, no puede ser ya liberal sino socialista. El socialismo aparece en nuestra historia no por una razón de azar, de imitación o de moda, como espíritus superficiales suponen, sino como una fatalidad histórica.<sup>20</sup>

Como elemento mítico, o passado indígena teve grande importância no projeto socialista mariáteguiano. A falta de uma assimilação total desse passado fez, de acordo com esses intelectuais indigenistas da década de 1920, com que o Peru não pudesse ser uma nação.<sup>21</sup> Em uma coluna, chamada de *Peruanicemos al Perú*, publicada na revista *Mundial* em 1926, Mariátegui procurou valorizar a tradição indígena e denunciar como ela foi apagada pela memória histórica colonialista que ressaltou apenas o *criollo* e o conquistador espanhol como elementos de peruanidade:

Mientras ha dominado en el país la mentalidad colonialista, hemos sido un pueblo que se reconocía surgido de la conquista. La conciencia nacional criolla obedecía indolentemente al prejuicio de la filiación española. La historia del Perú empezaba con la empresa de Pizarro, fundador de Lima. El Imperio Incaico no era sentido sino como prehistoria. Lo autóctono estaba fuera de nuestra historia y, por ende, fuera de nuestra tradición.<sup>22</sup>

Ao mostrar que essa mentalidade colonial expurgou a tradição indígena da tradição peruana, Mariátegui revela a existência de um sistema de dominação tanto histórico quanto sócio-econômico provocado pela penetração do imperialismo no território peruano desde a chegada dos conquistadores, o qual, segundo o historiador peruano Daniel Iglesias, foi explicado por ele a partir de um ponto de vista evolutivo marxista.<sup>23</sup>

Contudo, para o historiador argentino Oscar Terán<sup>24</sup>, José Carlos Mariátegui, ao valorizar o caráter identitário dessa memória histórica e, ao mesmo tempo, os elementos modernos necessários para a reconstrução nacional, efetivou uma operação que, através do antiprogressismo soreliano, mostrou-se como um modo de sair tanto da temporalidade liberal quanto do etapismo do marxismo ortodoxo. Assim, ao demonstrar que o liberalismo burguês não teria condições de acabar com a colonialidade da sociedade peruana, Mariátegui coloca a revolução socialista como o acontecimento que comunicaria o futuro utópico do socialismo com o passado mítico indígena. Podemos perceber isso no artigo que Mariátegui escreveu por conta do segundo aniversário da revista *Amauta*<sup>25</sup>:

Há cem anos, devemos nossa independência como nações, ao ritmo da história do Ocidente, que desde a colonização nos impôs inelutavelmente seu compasso. Liberdade, Democracia, Parlamento, Soberania do Povo, todas as grandes palavras que pronunciavam nossos homens de então procediam do repertório europeu. Não obstante, a história não mede a grandeza destes homens pela originalidade de tais idéias, mas pela eficácia e gênio com que serviram a elas. E os povos que marcham à frente no continente são aqueles



nos quais tais idéias se enraizaram melhor e mais rapidamente. Naquele tempo, no entanto, a interdependência, a solidariedade dos povos e dos continentes eram muito menores do que neste nosso. E o socialismo, afinal, está na tradição americana. A mais avançada organização comunista que a história registra é a inca.

Não queremos, certamente, que o socialismo seja na América decalque e cópia. Deve ser criação heróica. Temos de dar vida, com nossa própria realidade, na nossa própria linguagem, ao socialismo indo-americano. Eis uma missão digna de uma geração nova.<sup>26</sup>

O socialismo, para Mariátegui, não deveria ser cópia de outros modelos, deveria se alinhar à realidade peruana e por conseguinte à realidade mundial. Nesse sentido, dentro de seu marxismo soreliano, o periodista peruano traz para o seu projeto a tradição indígena, pois nela estaria o caráter mítico para a revolução socialista no Peru. “A teoria dos mitos revolucinários, que aplica ao movimento socialista a experiência dos movimentos religiosos, estabelece as bases de uma filosofia da revolução, [...]”<sup>27</sup>

A tradição, para Mariátegui, não teria um caráter conservador. Pelo contrário, a tradição traria um apelo da modernidade. Por isso, ao falar da tradição, Mariátegui faz uma distinção entre o que ele considera tradição e o que ele chama de tradicionalismo.

No hay que identificar a la tradición con los tradicionalistas. El tradicionalismo - no me refiero a la doctrina filosófica sino a una actitud política o sentimental que se resuelve invariablemente en mero conservantismo - es, es verdad, el mayor enemigo de la tradición. Porque se obstina interesadamente en definirla como un conjunto de reliquias inertes y símbolos extintos. Y en compendiarla en una receta escueta y única. La tradición, en tanto, se caracteriza precisamente por su resistencia a dejarse aprehender en una fórmula hermética. Como resultado de una serie de experiencias, - esto es de sucesivas transformaciones de la realidad bajo la acción de un ideal que la supera consultándola y la modela obedeciéndola-, [...].<sup>28</sup>

O tradicionalismo, para Mariátegui, mostra-se como estático, isto é, voltado para o passado sem se voltar para um projeto de futuro. O conservadorismo tradicionalista, assim, manteve o passado estático, não o reinterpretando conforme a realidade atual. E ao fazer o diagnóstico da tradição nacional peruana, Mariátegui coloca que se manteve a tradição espanhola em detrimento de uma tradição nacional que, para ele, seria a tradição indígena.

Então, é a partir do resgate da tradição indígena que se poderia pensar a nação peruana. Não seria apenas, segundo Mariátegui, o resgate e reconstituição do Tawantinsuyo, mas o resgate da tradição indígena na história peruana. Nesse sentido, é o apropriar-se desse passado e associá-lo como projeto de futuro, como o mito que

a revolução socialista peruana reivindicaria. Portanto, para Mariátegui, a tradição se mostra como revolucionária.

El pasado incaico ha entrado en nuestra historia, reivindicado no por los tradicionalistas sino por los revolucionarios. En esto consiste la derrota del colonialismo, sobreviviente aún, en parte, como estado social -feudalidad, gamonalismo-, pero batido para siempre como espíritu. La revolución ha reivindicado nuestra más antigua tradición.<sup>29</sup>

Contra o tradicionalismo, Mariátegui reivindicará, portanto, o socialismo como a corrente capaz de resgatar e reinventar a tradição indígena. Como elemento chave para seu projeto de futuro, a tradição indígena foi colocada por ele como o mito revolucionário, aquele que possibilitaria a revolução socialista. Pois para ocorrer a revolução socialista no Peru não precisaria passar pela etapa burguesa, basta resgatar essa tradição indígena, a qual traria o comunismo incaico como elemento mítico.

Contudo, os indígenas por si mesmos não teriam como levar adiante uma revolução que fizesse erradicar toda colonialidade presente na sociedade peruana. Segundo Mariátegui:

Insurreições encabeçadas por curacas, por descendentes da antiga nobreza indígena, por caudilhos incapazes de dar a um movimento de massas outro programa e não ser uma extemporânea ou impossível restauração. Sobreviventes de uma classe dissolvida e vencida, os herdeiros da antiga aristocracia índia não podiam empreender com êxito uma ação revolucionária.<sup>30</sup>

Assim, seria necessário o elemento moderno que pudesse interpretar a tradição indígena e colocá-la em um programa revolucionário. O moderno, para Mariátegui, não pode ser ignorado, pois “El Perú es un fragmento de un mundo que sigue una trayectoria solidaria. Los pueblos con más aptitud para el progreso son siempre aquellos con más aptitud para aceptar las consecuencias de su civilización y de su época.”<sup>31</sup> E o elemento moderno que seria capaz de fazer essa reinterpretação da tradição indígena, fazendo, portanto, a ponte entre o tradicional e o moderno, seria o socialismo.

A doutrina socialista é a única que pode dar sentido moderno, construtivo, à causa indígena, que, situada no seu verdadeiro terreno social e econômico e elevada ao plano de uma política criadora e realista, conta para a realização desta empreitada, com a vontade e a disciplina de uma classe que hoje surge no nosso processo histórico: o proletariado.<sup>32</sup>



Mas, apesar da importância do socialismo na interpretação do passado indígena, a revolução e, por conseguinte, a solução do problema indígena “tiene que ser una solución social. Sus realizadores deben ser los propios indios.”<sup>33</sup>

Não seria simplesmente uma conversão dos indígenas ao socialismo, visto que, para Mariátegui, os elementos do socialismo podiam ser encontrados na tradição indígena, logo eles não teriam como ficar impassíveis frente à essa corrente de pensamento mundial.

¿Por qué ha de ser el pueblo inkaiko, que construyó el más desarrollado y armónico sistema comunista, el único insensible a la emoción mundial? La consanguinidad del movimiento indigenista con las corrientes revolucionarias mundiales es demasiado evidente para que precise documentarla. Yo he dicho ya que he llegado al entendimiento y a la valoración justa de lo indígena por la vía del socialismo.<sup>34</sup>

Assim, justamente por conta dessa tradição, a revolução indígena poderia ser pensada a partir do indígena. Contra as opiniões de que a sua postura socialista e indigenista era incoerente, ele respondeu:

O socialismo ordena e define as reivindicações das massas – a classe trabalhadora – são indígenas na proporção de quatro quintos. Nosso socialismo, pois, não seria peruano – sequer seria socialismo – se não se solidarizasse, primeiramente com as reivindicações indígenas. Nesta atitude, não se esconde nenhum oportunismo. [...] Esta atitude [...] é apenas socialista.<sup>35</sup>

Então, é a partir da junção dos elementos modernos e tradicionais que podemos identificar em Mariátegui um projeto de revolução socialista, o qual poderia fazer com o que o Peru se constituísse como uma nação, pois, para ele,

el nacionalismo es revolucionario y, por ende, confluye con el socialismo. En estos pueblos [povos colonizados] la idea de la nación no ha cumplido aún su trayectoria ni agotado su misión histórica.<sup>36</sup>

O resgate do passado indígena como elemento mítico no projeto revolucionário tem papel fundamental para a construção nacional em Mariátegui. Segundo Karen Sanders, a interpretação mariateguiana da tradição indígena possui semelhanças com a compreensão de Anthony D. Smith acerca dos usos do passado étnico na criação das nações.<sup>37</sup>

O passado étnico, reinterpretado no presente pelos nacionalismos, revelam ao mesmo tempo um caráter de tradição e de construção, ele é a base material para a edificação da nacionalidade, que, por sua vez, realiza-se através dos aparatos estatais e culturais modernos, por exemplo, a imprensa. Os nacionalismos na modernidade utilizaram-se da necessidade humana de identificação coletiva para gerar nos indivíduos uma identificação nacional, como um modo de representar a história de uma determinada comunidade. A história, então, teria por função ressaltar a qualidade mítica da ideia de nação, que por causa da característica seletiva do nacionalismo, distorce o passado em seu esforço de integrar a história às necessidades coletivas do presente.<sup>38</sup>

Por fim, vimos que o socialismo em José Carlos Mariátegui, como projeto de nação, buscou no passado indígena, isto é, na tradição indígena, o elemento mítico necessário para o processo revolucionário. Contudo, para que essa memória indígena não se tornasse apenas uma espécie de tradicionalismo, ela precisava ser reiventada no presente para que assim se situasse na realidade atual. Nesse sentido, o socialismo, como elemento de modernidade, teria por missão fazer o papel de traduzir essa tradição indígena no presente. Contudo, esse processo deveria ser desencadeado a partir das comunidades indígenas portadoras de sua memória histórica – o mito do comunitarismo incaico – que se manifestava através do comunitarismo indígena e do contato dos indígenas com a nova corrente mundial da revolução proletária. Portanto, através dessa ponte entre o tradicional e o moderno, o socialismo, no Peru, como criação heróica, poderia extirpar a colonialidade que se mantinha na sociedade peruana. Nesse sentido, a nação peruana só poderia ser pensada a partir da superação dessa colonialidade.

---

<sup>1</sup> “*Gamonal* significa o ‘chefe’, o homem poderoso, o cacique, enfim o controlador da comunidade”. Termo usado pejorativamente, o grande proprietário rural que explora os índios comunitários. Cf. BELLOTO, Manoel Lelo; CORREA, Ana Maria Martinez (Orgs.). *José Carlos Mariátegui: Política*. São Paulo: Ática, p. 24.

<sup>2</sup> Começou na Universidade de San Antonio Abad, em Cuzco, onde, desde o início do século XX, com a presença de professores norte-americanos, impulsionaram-se estudos em torno de temas indígenas. Nesta universidade, surgiu um grupo de estudantes que seria batizado de Escola Cuzqueña e que desempenhou um papel central no desenvolvimento do indigenismo no Peru. Segundo um dos seus membros, Luís Valcárcel, o indigenismo nesse grupo se converteu em uma filosofia que buscava valorizar os aportes indígenas em todos os campos: científico, literário, cultural e sócio-político. Cf. SANDERS, Karen. *Nación y Tradición*. Lima: Fondo Editorial de Cultura, 1997, p. 306.

<sup>3</sup> José Carlos Mariátegui, nascido em Moquégua, no sul do peruano, foi jovem para Lima onde desde os 15 anos começou a trabalhar no jornal *La Prensa* e aos 20 anos começou a publicar seus primeiros textos. Em 1920, participou ativamente dos movimentos operários contra o governo do presidente Augusto Leguía, sendo “convidado” por este a ser uma espécie de agente de propaganda do governo peruano na Europa. Essa espécie de exílio permitiu com que Mariátegui entrasse em contato com as novas correntes de pensamento na Europa, sendo influenciado principalmente pelo socialismo soreliano que, contra o materialismo histórico marxista, procurou pensar na importância do homem e

do mito na revolução socialista. Cf. MARIÁTEGUI, José Carlos. In: LOWY, Michael. *Por um socialismo indo-americano*. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2011.

<sup>4</sup> Seguimos aqui a diferenciação que a historiadora Karen Sanders propõe entre indianismo e indigenismo. Enquanto o indigenismo é entendido como uma reivindicação do indígena nos âmbitos econômico, político e cultural, o indianismo é associado a um interesse literário do mundo andino que se caracterizou por um superficial romantismo que não superou os clichês racistas e liberais. Cf. SANDERS, Karen. *Nación y Tradición*. Lima: Fondo Editorial de Cultura, 1997, p. 303-304.

<sup>5</sup> GONZÁLEZ PRADA, Manuel. *Páginas Libres Horas de Lucha*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1976, p. 45-46.

<sup>6</sup> Augusto B. Leguía governou o Peru de 1919 à 1930. No início do seu governo, decretou o fim da *contribuição indígena* e reconheceu oficialmente os direitos das comunidades indígenas na legislação peruana. Dentro de uma política populista indigenista, criou a Secretaria de Assuntos Indígenas que passou a organizar comissões que levavam as reivindicações das comunidades ao governo. Contudo, Leguía não se esforçou em tirar o domínio dos *gamonales*. Além disso, instituiu a *Ley de Conscripción Vial* que estipulava um recrutamento dos indígenas para obras de infra-estrutura do governo, funcionando como uma espécie de mita. Logo ela serviu como um instrumento de aumento do domínio dos *gamonales* sobre as comunidades indígenas. Com o aumento da radicalidade das Comissões Indígenas, Leguía, em 1922, extinguiu-as e começou uma política de repressão estatal. Para uma maior compreensão desse período, indicamos CONTRERAS, Carlos; CUETO, Marcos. *História del Perú contemporáneo*. Lima: IEP, 2007 e COTLER, Julio. *Peru: Classes, Estado e Nação*. Brasília: FUNAG, 2006.

<sup>7</sup> MARIÁTEGUI, José Carlos. *Obras Completas*. Vol. 11: *Peruanicemos al Peru*. LIMA: Amauta, 1986, p. 36-37.

<sup>8</sup> MARIÁTEGUI, José Carlos. *Sete Ensaios de Interpretação da Realidade Peruana*. São Paulo: Expressão Popular-CLACSO, 2010, p. 201.

<sup>9</sup> Usaremos a grafia em espanhol *criollo* para diferenciar do termo em português crioulo, visto que aquele se refere ao descendente de espanhol nascido na América.

<sup>10</sup> Período de desenvolvimento econômico do Peru baseado na exploração do guano (fertilizante natural). Para entender mais a respeito desse período, recomendamos: CONTRERAS, Carlos; CUETO, Marcos. *História del Perú contemporáneo*. Lima: IEP, 2007.

<sup>11</sup> Cf. MALLON, Florencia. *Nation and Peasants: The Making of Postcolonial Mexico and Peru*. Berkeley: University of California Press, 1995.

<sup>12</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006, p. 311.

<sup>13</sup> José Carlos Mariátegui, em diversos textos, faz uso indevido e anacrônico do termo feudalismo para caracterizar o regime de exploração da terra e do indígena no altiplano peruano para contrapor ao que ele referia como forma capitalista de exploração da terra, principalmente no cultivo da cana-de-açúcar no litoral norte peruano. Em nossas pesquisas, percebemos que em vários discursos de intelectuais, a partir de meados do século XIX, a *Sierra* foi retratada como um espaço regido por uma espécie de feudalidade. Estes discursos influenciaram a análise histórica de Mariátegui deste período histórico. Por isso, nesse trabalho, em substituição, usaremos o termo colonialidade.

<sup>14</sup> MARIÁTEGUI, José Carlos. *Sete Ensaios de Interpretação da Realidade Peruana*. São Paulo: Expressão Popular-CLACSO, 2010, p. 36.

<sup>15</sup> MARIÁTEGUI, José Carlos. *Obras Completas*. Vol. 2: *Siete Ensayos de Interpretación de la Realidad Peruana*. Lima: Amauta, 1984, p. 46, 47.

<sup>16</sup> *Ibid.*, p. 35.

<sup>17</sup> *Ibid.*, p. 36.

<sup>18</sup> Georges Sorel (1847-1922) foi um pensador socialista francês e teórico do sindicalismo marxista.

<sup>19</sup> MARIÁTEGUI, José Carlos. *Sete Ensaios de Interpretação da Realidade Peruana*. Lima: Amauta, 1984, p. 35.

<sup>20</sup> *Ibid.*, p. 38.

<sup>21</sup> SANDERS, Karen. *Nación y Tradición*. Lima: Fondo Editorial de Cultura, 1997, p. 302.

<sup>22</sup> MARIÁTEGUI, José Carlos. *Obras Completas*. Vol. 11: *Peruanicemos al Peru*. LIMA: Amauta, 1986, p. 167.

<sup>23</sup> Cf. IGLESIAS, Daniel. Nacionalismo y utilización política del pasado: la historia nacional desde la perspectiva de la revista *Amauta* (1926-1930). *Historica*. Lima, vol. XXX, nº 2, 2006, p. 105-106.

- 
- <sup>24</sup> TERÁN, Oscar. Amauta: vanguardia y revolución. *Prismas – Revista de Historia Intelectual*. Buenos Aires, vol. 12, nº 2, dez. 2008, p. 173. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=387036800004>. Acesso em: 12/02/2016, p. 173-189.
- <sup>25</sup> A revista *Amauta*, fundada por Mariátegui em 1926, publicou textos de diversos autores da vanguarda peruana. Apresentou-se com uma proposta de difusão dos ideais socialistas e ao mesmo tempo de resgate da tradição indígena. Para mais detalhes sobre a revista *Amauta*, indicamos o trabalho supracitado: IGLESIAS, Daniel. Nacionalismo y utilización política del pasado: la historia nacional desde la perspectiva de la revista *Amauta* (1926-1930).
- <sup>26</sup> MARIÁTEGUI, José Carlos. Aniversário e Balanço. In: LÖWY, Michael. *Por um socialismo indo-americano*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011, p. 120.
- <sup>27</sup> MARIÁTEGUI, José Carlos. *Defesa do marxismo*. São Paulo: Boitempo, 2011, p. 30.
- <sup>28</sup> MARIÁTEGUI, José Carlos. *Obras Completas*. Vol. 11: Peruanicemos al Peru. p. 162, 163.
- <sup>29</sup> *Ibid.*, p. 168.
- <sup>30</sup> MARIÁTEGUI, José Carlos. Prefácio a El Amauta Atusparia. In: LÖWY, Michael. *Por um socialismo indo-americano*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011 p. 157.
- <sup>31</sup> MARIÁTEGUI, José Carlos. *Obras Completas*. Vol. 11: Peruanicemos al Peru. Lima: Amauta, 1986, p. 38.
- <sup>32</sup> MARIÁTEGUI, José Carlos. Prefácio a El Amauta Atusparia. In: LÖWY, Michael. *Por um socialismo indo-americano*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011 p. 158.
- <sup>33</sup> MARIÁTEGUI, José Carlos. *Obras Completas*. Vol. 2: Siete Ensayos de Interpretación de la Realidad Peruana. Lima: Amauta, 1984, p. 49.
- <sup>34</sup> *Ibid.*, p. 35.
- <sup>35</sup> MARIÁTEGUI, José Carlos. Indigenismo e Socialismo: Intermezzo Polêmico. In: LÖWY, Michael. *Por um socialismo indo-americano*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011, p. 110.
- <sup>36</sup> MARIÁTEGUI, José Carlos. *Obras Completas*. Vol. 11: Peruanicemos al Peru. Lima: Amauta, 1986p.221.
- <sup>37</sup> SANDERS, Karen. *Nation y Tradición*. Lima: Fondo Editorial de Cultura, 1997, p. 337.
- <sup>38</sup> SMITH, Anthony D. Criação do Estado e Construção da Nação. In: HALL, John (Org.). *Os Estados Nação na História*. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 334-385.